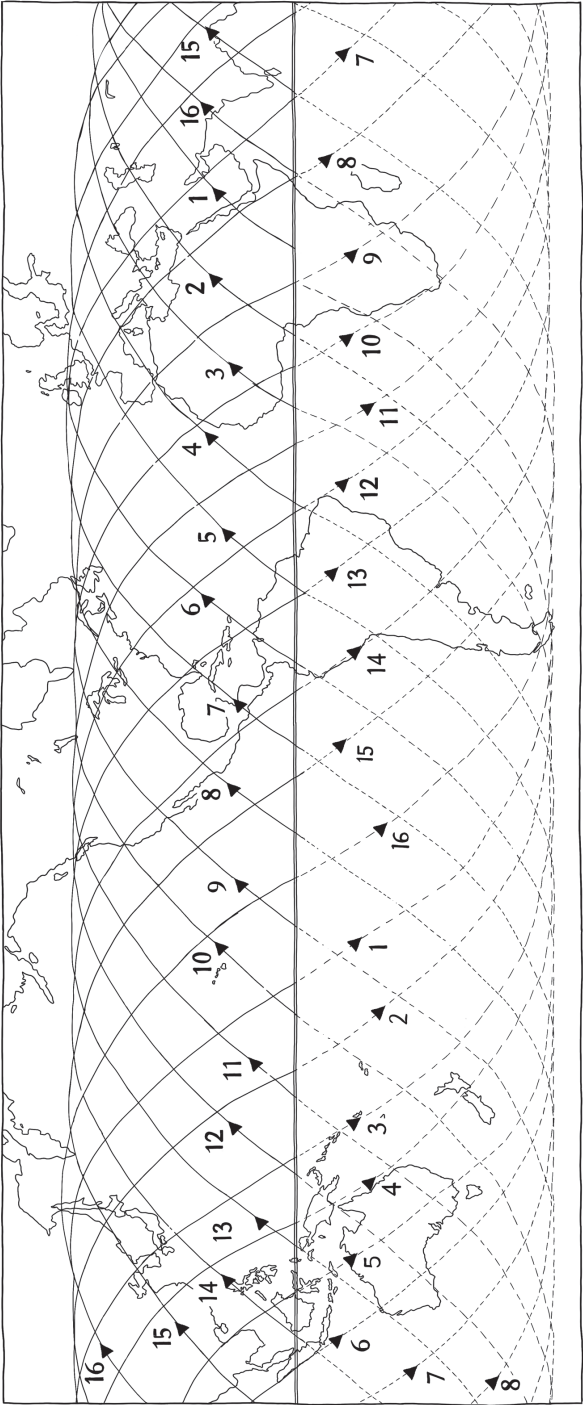


Vinte e quatro horas de órbitas da Terra com luz do dia no hemisfério norte



Órbita menos 1

Enquanto circundam a Terra na nave espacial, estão tão juntos, e tão sozinhos, que, às vezes, até os pensamentos, as mitologias internas, confluem. Às vezes têm os mesmos sonhos: sonham com fractais, esferas azuis, rostos familiares submersos em escuridão, e com o preto luminoso e pulsante do espaço que lhes avassala os sentidos. O espaço inexplorado é uma pantera, ferina e primária; eles sonham que caminha, pé ante pé, pelos seus postos.

Estão suspensos nos sacos-cama. A um palmo de distância, para lá de uma pele de metal, o Universo espraia-se em simples verdades eternas. O sono começa a esmorecer, o Sol rompe numa qualquer manhã terrena distante e os computadores portáteis começam a exibir as primeiras mensagens mudas de um novo dia; a estação, bem acordada, sempre desperta, vibra com ventoinhas e filtros. Na galé estão os restos do jantar da noite da véspera: garfos sujos presos à mesa por ímanes e pauzinhos enfiados numa bolsa na parede. Quatro balões azuis flutuam pelo ar, uma bandeira de papel de alumínio diz *Feliz aniversário*. Ninguém fez anos, mas era preciso celebrar e eles não tinham mais nada. Há uma mancha de chocolate numa tesoura e uma pequena lua de feltro presa a um fio, atado às pegadas de uma mesa dobrável.

Lá fora, a Terra vai rolando numa massa de brilho lunar, afastando-se à medida que eles vão avançando em direção à sua orla sem arestas; os tufos de nuvens sobre o Pacífico iluminam o oceano noturno cujas águas se tingem de tons de cobalto. Agora vê-se Santiago num fulgor de ouro turvado pelas nuvens na costa da América do Sul, cada vez

mais próxima. Ocultos pelas persianas fechadas, os ventos alísios que sopram sobre as águas quentes do Pacífico Ocidental fazem-se tempestade, um motor de calor. Os ventos roubam o calor ao oceano, onde se acumulam sob a forma de nuvens que se adensam e se turvam, e começam a girar em colunas verticais que formam um tufão. Enquanto o tufão avança para oeste em direção ao sul da Ásia, a nave dirige-se para o outro lado, num movimento descendente que a leva para este, a caminho da Patagónia, onde a agitação cambaleante de uma aurora distante cobre o horizonte com uma abóbada de néon. A Via Láctea é um rasto fumegante de pólvora disparada num céu de cetim.

A bordo da nave são quatro e um quarto da manhã de terça-feira, no início de outubro. Lá fora está a Argentina, está o Atlântico Sul, está a Cidade do Cabo, está o Zimbabué. Por cima do ombro direito, o planeta sussurra manhã, uma faixa de luz magra, quase líquida. Eles atravessam fusos horários em silêncio.

Cada um deles foi, em algum momento, lançado para o céu numa bomba de querosene, e depois pela atmosfera numa cápsula incandescente com o peso equivalente a dois ursos-negros-americanos em cima. Cada um deles estofou as caixas torácicas contra a força até sentir os ursos a recuar, um atrás do outro, o céu a fazer-se espaço, a gravidade a diminuir e o cabelo a espetar-se.

Seis num enorme H de metal a pender acima da Terra. Viram-se de pernas para o ar, quatro astronautas (dos Estados Unidos, do Japão, da Grã-Bretanha, de Itália) e dois cosmonautas (Rússia, Rússia); duas mulheres, quatro homens, uma estação espacial composta por dezasseis módulos interligados e vinte e oito mil quilómetros por hora. São os últimos seis de muitos, já não há nada de inusitado nisto, banais astronautas no quintal da Terra. O fabuloso e improvável quintal da Terra. De pernas no ar na deriva lenta da vertigem, de ancas no ar, de mãos no ar, a rodar e a rebolar com os dias. As jornadas passam a correr. Cada um estará aqui durante nove meses, mais coisa menos coisa, nove meses de uma deriva sem gravidade, nove meses de cabeça intumescida, nove meses de vida de sardinha, nove meses virados

para a Terra distante de boca aberta, para depois voltarem ao planeta paciente em baixo.

Uma qualquer civilização de um outro mundo poderá olhar e perguntar: o que estão eles ali a fazer? Porque andam às voltas rumo a nenhures? A Terra é a resposta a todas as perguntas. A Terra é o rosto de um amante exultante; eles veem-na a dormir e a acordar e a perder-se nos seus hábitos. A Terra é uma mãe à espera do regresso dos filhos, cheios de histórias, de arrebatamento e de saudades. Os ossos um pouco menos densos, os membros um pouco mais magros. Olhos cheios de vistas difíceis de relatar.

Órbita 1, movimento ascendente

Roman acorda cedo. Sai preguiçosamente do saco-cama e nada no escuro em direção à janela do laboratório. Onde estamos, onde estamos? Em que mundo. É noite e há Terra. A nebulosa gigante de uma cidade levanta-se no meio de um vazio vermelho-ferrugem; não, duas cidades, Joanesburgo e Pretória ligadas uma à outra como uma estrela binária. Imediatamente acima do arco da atmosfera está o Sol, e, ao fim de um minuto, vai subir do horizonte e inundar a Terra, e a aurora vai aparecer e desaparecer em segundos antes de a luz do dia estar por todo o lado ao mesmo tempo. De repente, as Áfricas Central e Oriental surgem, luminosas e quentes.

Hoje, é o quadringentésimo trigésimo quarto dia que passa no espaço, um total a que chega ao fim de três missões. Roman não se perde na contagem. Nesta missão, é o octogésimo oitavo dia. Numa missão de nove meses, há um total de aproximadamente quinhentas e quarenta horas de exercícios matinais. Quinhentas reuniões matutinas e vespertinas com as equipas americana, europeia e russa em terra. Quatro mil trezentas e vinte alvoradas, quatro mil trezentos e vinte pores do sol. Quase duzentos e noventa milhões de quilómetros percorridos. Trinta e seis terças-feiras, sendo esta uma delas, diga-se. Quinhentas e quarenta vezes a ter de engolir pasta de dentes. Trinta e seis trocas de *T-shirt*, cento e trinta e cinco mudanças de roupa interior (roupa interior lavada todos os dias é um luxo a que não se podem dar), cinquenta e quatro pares de meias limpos. Auroras, furacões, tempestades... números desconhecidos, mas ocorrências certas. Nove

ciclos completos, claro, da Lua, a companheira de prata que se move placidamente pelas diferentes fases enquanto os dias dão para o torto. Mas, ainda assim, a mesma Lua vista várias vezes por dia e, em algumas delas, numa estranha distorção.

A este registo, que mantém num papel na sua parte dos aposentos da tripulação, Roman irá acrescentar a parcela oitenta e oito. Não por desejar que o tempo passe, mas para tentar associá-lo a algo contável. Senão... senão, o centro deriva. O espaço desfaz o tempo em bocadinhos. Avisaram-nos durante a formação: mantenham um registo diário quando acordarem, digam a vocês próprios *esta é a manhã de um novo dia*. Sejam claros convosco nesta matéria. Esta é a manhã de um novo dia.

E assim é, mas, neste novo dia, vão dar dezasseis voltas à Terra. Vão ver dezasseis alboradas e dezasseis pores do sol, dezasseis dias e dezasseis noites. Roman agarra-se à grade da janela para se equilibrar; as estrelas do hemisfério sul estão a desaparecer. Vocês estão vinculados ao Tempo Universal Coordenado, dizem-lhes as equipas em terra. Sejam claros convosco próprios nesta matéria. Nunca deixem de ser claros. Olhem para o relógio com frequência para ancorarem a mente, digam-no a vocês próprios quando acordarem: *esta é a manhã de um novo dia*.

E assim é. Mas é um dia de cinco continentes e de outono e primavera, glaciares e desertos, regiões selvagens e zonas de guerra. Nas rotações que fazem em redor da Terra em acumulações de luz e escuridão na aritmética desconcertante da propulsão, da velocidade e dos sensores, a manhã rompe, incisiva, a cada noventa minutos. Eles gostam destes dias em que o breve assomo da manhã lá fora coincide com a deles.

Neste último minuto de escuridão, a Lua está quase cheia e baixa, exposta ao brilho da atmosfera. É como se a noite não fizesse ideia de que está prestes a ser ofuscada pelo dia. Roman imagina-se daqui a alguns meses a olhar pela janela do quarto, em casa, a afastar a variedade de flores secas — e para ele inomináveis — da mulher, a fazer força para abrir o caixilho da janela perra e coberta de condensação,

a pôr a cabeça de fora no ar de Moscovo e a olhar para ela, para aquela mesma Lua, como uma lembrança que trouxe de umas férias num lugar exótico qualquer. Mas é apenas por um instante, e, de seguida, a vista da Lua a partir da estação espacial — baixa e amassada sob a atmosfera, não exatamente acima deles, mas ao lado, como uma igual — é tudo, e aquela breve percepção que ele teve do quarto e da casa desaparece.

Houve uma aula na escola sobre o quadro *Las meninas*, tinha Shaun quinze anos. Era sobre a forma como o quadro desorientava todos quantos para ele olhavam, deixando-os sem saber para o que estavam a olhar.

É uma pintura dentro de uma pintura, disse o professor. Olhem com atenção. Olhem para aqui. Velázquez, o artista, está na pintura, no cavalete, a pintar um quadro, e o que ele está a pintar é o rei e a rainha, mas eles estão fora do quadro, onde nós também estamos, a olhar lá para dentro, e só sabemos que eles lá estão porque lhes vemos os reflexos no espelho diretamente à nossa frente. O rei e a rainha estão a olhar para aquilo que nós estamos a olhar: a filha e as damas de honor, que é o nome da pintura — *Las meninas*, «As Damas de Honor». Então qual é o verdadeiro tema do quadro: o rei e a rainha (que estão a ser pintados e cujos rostos brancos refletidos, embora pequenos, estão no centro do pano de fundo), a filha dos reis (que é a estrela no meio, muito luminosa e loira na sala sombria), as damas (e anãs e acompanhantes e o cão) de honor, o homem furtivo a descer as escadas à entrada da porta ao fundo que parece estar a trazer uma mensagem, Velázquez (cuja presença como pintor é declarada pelo facto de estar na pintura, junto ao cavalete a pintar aquilo que é um retrato do rei e da rainha, mas também o que pode ser o próprio *Las meninas*), ou somos nós, que estamos a olhar para o quadro, que ocupamos a mesma posição do rei e da rainha, que estão a olhar de fora para dentro e que estão a ser observados tanto por Velázquez como pela jovem princesa e pelo reflexo do rei e da rainha? Ou será o tema a própria arte (que é um conjunto de ilusões, truques e artifi-

cios dentro da vida) ou a própria vida (que é um conjunto de ilusões, truques e artifícios dentro de uma consciência que está a tentar compreender a vida através de percepções, sonhos e arte)?

Ou — disse o professor — será apenas uma pintura sobre nada? Somente uma sala com pessoas e um espelho?

Para Shaun, que, com quinze anos, não queria ter aulas de arte e já sabia que queria ser piloto-aviador, aquela aula era o cúmulo de toda a futilidade. Não gostava particularmente do quadro e não queria saber do que tratava. Provavelmente, sim, era apenas uma sala com algumas pessoas e um espelho, mas Shaun não estava sequer suficientemente interessado para levantar o braço e dizê-lo. Estava a fazer desenhos geométricos no caderno. Depois desenhou uma imagem de uma pessoa a ser enforcada. A rapariga sentada ao lado dele viu os desenhos, deu-lhe um empurrãozinho com o cotovelo, levantou a sobrancelha e sorriu, um sorriso curto e fugaz, e, quando se tornou sua mulher muitos anos depois, deu-lhe um postal de *Las meninas*, que era, para ela, um símbolo do primeiro contacto a sério entre ambos. E quando, anos depois, Shaun estava fora, na Rússia, a preparar-se para ir para o espaço, a mulher escreveu com uma letrinha pequena nas costas do postal um resumo de tudo o que o professor dissera, de que ele se tinha esquecido por completo, mas de que ela se lembrava com uma lucidez que não o surpreendeu, porque ela era o ser humano mais acutilante e mais lúcido que ele já tinha conhecido.

Shaun tem o postal na sua divisória dos aposentos da tripulação. Hoje de manhã, ao acordar, dá por si a olhar para a imagem, para todas as possibilidades de temas e perspetivas que a mulher escreveu nas costas. O rei, a rainha, as damas de honor, a rapariga, o espelho, o artista. Fica a olhar para o postal até perder a noção do tempo. Há uma sensação persistente de sonho inacabado, um descaminho nos pensamentos. Quando sai do saco-cama, veste o equipamento de corrida e vai para a galé tomar café, avista o ponto mais setentrional de Omã, muito característico, a adentrar o Golfo Pérsico, nuvens finas sobre o mar Árábico azul-marinho, o grande estuário do Indo e o que

ele sabe que é Karachi, agora invisível à luz do dia, mas, à noite, uma enorme grelha complexa de linhas cruzadas que o faz lembrar dos desenhos que ele costumava fazer.

De acordo com a medida arbitrária do tempo que usam lá em cima, onde o tempo implode, são seis da manhã. Os outros estão a levantar-se.

Olham para baixo e compreendem o porquê de lhe chamarem Terra-Mãe. Todos o sentem de vez em quando. Todos fazem uma associação entre a Terra e a mãe, o que, por sua vez, os leva a sentir-se crianças. No balançar andrógino de rostos escanhoados, com os calções regulamentares, a comida de colher, o sumo bebido por palhinhas, as bandeirinhas de aniversário, as madrugadas, a inocência forçada de dias diligentes, todos têm, lá em cima, momentos de uma aniquilação repentina dos seus eus de astronautas e de uma sensação poderosa de infância e pequenez. A mãe imponente sempre presente do outro lado da abóbada de vidro.

Mas agora, ainda mais. Desde que Chie chegou à galé na sexta-feira à noite, quando estavam a fazer o jantar, o rosto lívido de choque, e disse A minha mãe morreu. E Shaun largou o pacote de *noodles* e deixou-o a flutuar acima da mesa, Pietro nadou o metro que o separava dela, baixou a cabeça e pegou-lhe em ambas as mãos com uma coreografia fluida a ponto de parecer preparada, e Nell murmurou qualquer coisa indecifrável, uma pergunta — o quê? como? quando? *o quê?* —, e viu o rosto pálido de Chie a tingir-se de carmesim como se dizer aquelas palavras lhe tivesse dado calor ao pesar.

Desde aquela notícia, dão por si a baixar os olhos para a Terra enquanto a vão contornando (aparentemente a serpentear, embora isso não pudesse ser menos verdade) e a lembrar-se daquela palavra: mãe mãe mãe mãe. Agora, a única mãe de Chie é aquela bola giratória, luminosa, que se põe involuntariamente a dar uma volta ao Sol uma vez por ano. Chie tornou-se órfã, o pai morto há uma década. Aquela bola é a única coisa que lhe deu vida e para a qual poderá apontar. Não há vida sem sela. Sem aquele planeta, não há vida. Óbvio.

Pensa um pensamento novo, dizem às vezes a si próprios. Os pensamentos que temos em órbita são deveras grandiosos e velhos. Pensa outro, novo, um em que nunca tenhas pensado.

Mas não há ideias novas. São apenas velhas ideias nascidas em novos momentos, e nestes momentos surge a ideia: sem aquela Terra, estamos acabados. Não poderíamos sobreviver um segundo sem a sua mercê, somos marinheiros num navio num mar profundo e inavegável.

Nenhum deles sabe o que dizer a Chie, que consolo se poderá oferecer alguém que sofre o choque da dor quando está em órbita. Certamente que quer ir para casa e fazer algum tipo de despedida. Não é preciso dizer nada; basta olhar lá para fora pela janela e ver uma radiância a dobrar e a redobrar. Dali, a Terra é como o céu. Um fluxo de cor. Uma explosão de cor cheia de esperança. Quando estamos naquele planeta, olhamos para cima e pensamos que o céu é noutro lugar, mas o que os astronautas e cosmonautas pensam de vez em quando é: talvez todos nós, que lá nascemos, já tenhamos morrido e estejamos numa vida posterior. Se temos de ir para um lugar improvável em que é difícil de acreditar quando morremos, aquela esfera vítrea e distante com os seus espetáculos de luz belos e solitários pode muito bem ser esse lugar.

Órbita 1, a caminho da órbita 2

Vocês já não são sequer os humanos lançados para mais longe, diz o controlo em terra. O que é que isso voz faz sentir?

Hoje, uma tripulação de quatro elementos está a caminho da Lua e acabou de ultrapassar a distância orbital superficial da estação espacial, que está quatrocentos quilómetros acima do planeta. Os astronautas lunares são catapultados para lá deles numa aperaltada explosão de glória que custou cinco mil milhões de dólares.

Vocês foram ultrapassados pela primeira vez, dizem as equipas em terra. São notícias requentadas, brincam, e Pietro graceja, respondendo que mais vale ser uma notícia requentada do que a notícia que vai sair amanhã, se é que entendem o que ele quer dizer. Quem é astronauta prefere nunca ser notícia. E há uma questão, pensa Chie, a mãe dela está lá em baixo naquela terra. Tudo o que resta da mãe está lá em baixo. Mais vale embrulhá-la assim do que vê-la a desaparecer no espelho retrovisor. Anton limita-se a olhar pelo portal de visionamento do espaço, para onde sabe que estão as constelações de Pégaso e Andrómeda, embora a visão não as consiga distinguir imediatamente entre os milhões de estrelas. Está cansado. Não dorme muito bem lá em cima, a cabeça está sempre demasiado atada a outro fuso horário e desconcertada. Ali está Saturno, além, Aquila em forma de avião. A Lua está mesmo ali ao virar da esquina. Um dia, pensa ele, há de lá chegar.

Manhãs, uma fúria de suor e respiração e esforço, pesos e bicicleta e passadeira, as duas horas do dia em que os corpos dos seis não estão

suspensos e são obrigados a obedecer à gravidade. No segmento russo da nave, Anton na bicicleta a afastar os resquícios do pouco sono que teve, Roman na passadeira. A três módulos de distância, no segmento não russo, Nell está no banco de musculação a ver os músculos a trabalhar sob o brilho do suor enquanto os pistões e o volante de inércia simulam a gravidade. Os membros magros e firmes não têm definição; sejam quantas forem as elevações, as flexões e as pedaladas que dê naquelas duas horas no ginásio, continua a haver mais vinte e duas horas todos os dias em que o corpo não tem nenhuma força que lhe dê resistência. Ao lado dela, Pietro está atrelado à passadeira dos EUA, a ouvir Duke Ellington com os olhos fechados; ali, na cabeça dele, estão os campos de hortelã de Emilia-Romagna. Chie, no módulo seguinte, na bicicleta, com os dentes cerrados e a resistência bem elevada, a contar a cadência das pedaladas.

Lá em cima, na microgravidade, parecem aves marinhas, num dia quente, a planar, só a planar. De que servem os bíceps, as barrigas das pernas, as canelas fortes; de que serve a massa muscular? As pernas são coisa do passado. Mas, todos os dias, os seis têm de lutar contra o impulso de se dissiparem. Recolhem-se nos auscultadores e levantam pesos e pedalam para nenhures vinte e três vezes mais depressa do que a velocidade do som numa bicicleta que não tem selim nem guiador, apenas um par de pedais presos a uma estrutura, e correm treze quilómetros no interior de um módulo de metal de linhas simples de onde se pode ver um grande plano de um planeta a rodar.

Às vezes desejam um vento frio e rigoroso, uma chuva tempestuosa, folhas de outono, dedos avermelhados, pernas cobertas de lama, um cão curioso, um coelho assustado, um veado que aparece de repente a saltar, uma poça cheia de água, pés encharcados, uma colina ligeira, outro corredor, um raio de sol. Às vezes sucumbem apenas ao zumbido corriqueiro da nave espacial selada e sem vento. Enquanto correm, enquanto pedalam, enquanto fazem elevações e flexões, os continentes e os oceanos vão ficando para trás: o Ártico lavanda, a extremidade oriental da Rússia a desaparecer de vista, tempestades a reforçar-se por sobre o Pacífico e, desertos, os montes enrugados do deserto do

Chade pela manhã, o sul da Rússia e a Mongólia, e outra vez o Pacífico.

Qualquer pessoa na Mongólia ou nas zonas selvagens da extremidade oriental da Rússia, ou qualquer pessoa que, pelo menos, conheça estas coisas, saberia que agora, naquele céu frio da tarde, mais alto do que um avião, está a passar uma nave espacial e que há uma humana qualquer lá dentro a levantar uma barra de pesos com a perna, a fazer força para que os músculos não cedam ao encanto da leveza, nem os ossos à vida de passarinho. Se assim não for, a pobre viajante no espaço ver-se-á metida em todo o tipo de sarilhos quando voltar a pousar na Terra, onde as pernas voltarão a ser importantes. Sem aquelas elevações, aquele suor e aquelas flexões, sobreviveria ao calor escaldante e às cambalhotas da reentrada para depois se dobrar como um grou de papel quando fosse puxada da cápsula.

Em algum momento da estada em órbita, cada um deles é tomado por um poderoso desejo: o desejo de nunca se ir embora. Uma emboscada súbita de felicidade. Encontram-na por todo o lado, aquela felicidade, e floresce nos lugares mais anódinos, nas plataformas de experiências, no interior das saquetas de risoto e guisado de frango, nos painéis de ecrãs, nos interruptores e nas saídas de ar, nos tubos extremamente estreitos de titânio, *Kevlar* e aço em que estão presos, nos próprios chãos que são paredes e nas paredes que são tetos e nos tetos que são chãos. Nos apoios para as mãos que são apoios para os pés e roçam os dedos dos pés. Nos fatos espaciais, que os esperam nas câmaras de despressurização algo macabras. Tudo o que tenha que ver com estar no espaço — que é tudo — os assalta com felicidade, e a questão não é exatamente não quererem ir para casa, mas o facto de essa casa ser uma ideia que implodiu: cresceu tanto, expandiu-se e encheu-se de tal maneira, que se desmoronou sobre si própria.

No início das missões, cada um deles sente falta da família, e às vezes tanta que parece escapar-lhes das entranhas; agora, por necessidade, chegaram à conclusão de que a família é aquela ali, aqueles que ali estão e sabem o que eles sabem e veem o que eles veem e com

os quais nenhum deles precisa de palavras que expliquem seja o que for. Quando voltarem, como poderão sequer começar a dizer o que lhes aconteceu, quem e o que eram? Eles não querem vista que não aquela que têm da janela dos circuitos de painéis solares à medida que o seu caminho se vai afunilando em direção ao vazio. Nenhum rebite no mundo inteiro servirá se não for um dos rebites que rodeiam das esquadrias das janelas. Querem corredores acolchoados para o resto das vidas. O zumbido constante.

Sentem que o espaço está a tentar livrá-los da noção dos dias. Diz: o que é um dia? Eles insistem que é vinte e quatro horas, e as equipas em terra estão sempre a dizer-lhes o mesmo, mas o espaço tira-lhes vinte e quatro horas e atira-lhes com dezasseis dias e noites em troca. Eles agarram-se ao relógio de vinte quatro horas porque os corpos frágeis apegados ao tempo não conhecem mais nada: o sono e as entranhas e tudo o que trazem a si amarrado. Mas a mente liberta-se na primeira semana. A mente está numa zona aberrante em que os dias não contam, a zarpar sobre o horizonte acelerado da Terra. O dia está aqui e de seguida veem a noite a cair sobre eles como a sombra de uma nuvem que se esboroa sobre um campo de trigo. Quarenta e cinco minutos depois, o dia volta e passa de fugida pelo Pacífico. Nada é o que pensavam que era.

Agora, à medida que avançam do leste da Rússia para sul num trajeto diagonal que passa pelo Mar de Okhotsk, o Japão aparece no meio do brilho cor de malva com laivos de cinzento do meio da tarde. O percurso atravessa a linha fina das ilhas Curilas, que formam um caminho corroído entre o Japão e a Rússia. Naquela luz indistinta, as ilhas são como um rasto de pegadas a secar aos olhos de Chie. O seu país é um fantasma a assombrar a água. O seu país é um sonho que ela se lembra de ter tido um dia. Jaz enviesado e franzino.

Ela olha da janela do laboratório enquanto se limpa à toalha depois do exercício. O balanço sem gravidade está estável e vertical. Se ela pudesse permanecer em órbita o resto da vida, tudo estaria bem. Só quando voltar é que a mãe estará morta; é como na dança das cadeiras quando há menos um assento do que humanos a precisar dele, mas, enquanto a

música tocar, o número de assentos é irrelevante e toda a gente continua no jogo. A questão é não parar. Continuar a mexer os pés. Quando estamos naquela órbita gloriosa e estamos a orbitar, tornamo-nos à prova de impacto e nada nos pode tocar. Quando o planeta está a galopar pelo espaço e nós galopamos atrás dele, atravessando a luz e o escuro com o nosso cérebro embriagado pelo tempo, não há nada que possa acabar. Não poderá haver fim, só pode haver círculos.

Não voltar. Continuar ali, em movimento. A luz creme que se reflete do oceano é absolutamente primorosa; as nuvens suaves ondulam em marés. Com um ajuste do foco, surge a primeira queda de neve no cimo do monte Fuji, a pulseira prateada do rio Nagara onde ela nadou quando era criança. Ali mesmo, circuitos solares perfeitos a beber o sol.

À distância da estação espacial, a humanidade é uma criatura que só sai à noite. A humanidade é a luz das cidades e o filamento iluminado das estradas. De dia, desaparece. Esconde-se à vista de todos.

Nesta órbita, a segunda das dezasseis de hoje, podem, se alguma vez tiverem tempo, olhar pela janela e dar uma volta inteira à Terra praticamente sem verem vestígios de vida humana ou animal.

O trânsito da nave aproxima-se da África Ocidental assim que a manhã rompe. A vasta efusão do dia apaga todos os marcos humanos óbvios ao olho nu. Passam pela África Central, o Cáucaso e o Cáspio, o sul da Rússia, a Mongólia, o este da China, o norte do Japão na luz pálida. Quando a noite cai no Pacífico Ocidental, não há terra à vista, não há cidades a dar nota da humanidade. Nesta órbita, todo o trajeto noturno é oceânico e negro, descendo furtivamente, Pacífico abaixo, entre a Nova Zelândia e a América do Sul, roçando a ponta da Patagónia e voltando a subir até África, e, no momento em que o oceano acaba e as costas da Libéria, do Gana e da Serra Leoa aparecem à frente, a luz do Sol explode no escuro e o dia inunda a paisagem, todo o hemisfério norte outra vez luminoso e despojado de humanos. Mares, lagos, planícies, desertos, montanhas, estuários, deltas, florestas e blocos de gelo flutuantes.

Enquanto orbitam, podem muito bem ser viajantes intergalácticos a deparar-se com uma fronteira virgem. *Parece inabitada, capitão, dizem quando olham para fora antes do pequeno-almoço. Acreditamos que podem ser os restos de uma civilização caída. Preparem os propulsores para a aterragem.*